

Discurso na cerimônia de posse do Ministro de Estado do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Alcides Tápias

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 14 DE SETEMBRO DE 1999

Senhor Vice-Presidente da República, Doutor Marco Maciel; Senhor Presidente do Senado Federal, Senador Antônio Carlos Magalhães; Senhor Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer; Senhor Ministro de Estado do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Alcides Tápias; Senhores Ministros e Secretários de Estado aqui presentes; Senhor Secretário Executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Milton Seligman; Senhores Governadores, tão numerosos, aqui presentes, do Distrito Federal, de São Paulo, do Mato Grosso, do Piauí, de Roraima, e outros mais; Senhores Senadores, Deputados; Senhores empresários; Senhoras empresárias; Senhoras e Senhores,

A exposição do Ministro Tápias foi de tal maneira abrangente, precisa e coincidente com o pensamento do Presidente da República e do Governo, que eu me dispensaria de acrescentar palavras ao que ele disse. Só não posso me furtar a fazer algumas referências, primeiro de agradecimento, depois, de boas-vindas. De agradecimento aos Ministros que o antecederam, ambos amigos meus, de longa data. Ambos pessoas de relevo, nas suas áreas de atuação: o Ministro Celso Lafer e o Ministro Clóvis Carvalho.

O Ministro Clóvis Carvalho, nos últimos seis anos, serviu com dedicação, denodo, competência e entusiasmo ao Brasil. Foi braço direito na formulação do Plano Real, quando então exercia com uma certa tirania, o domínio sobre os demais técnicos que se empenhavam em refazer as bases para o desenvolvimento do Brasil. A ele eu, pessoalmente, devo muito, de lealdade e de gratidão. E os que o conheceram sabem do entusiasmo com que, realmente, se empenhou para que o Brasil continuasse a mudar, como está mudando e continuará mudando.

Doutor Tápias, disse Vossa Excelência que este Ministério foi proposto para servir de articulador de um conjunto de tarefas que estão em marcha, e que são muito claras, para permitir que o Brasil possa divisar um futuro mais consistente com os anseios da sua população. Foi imaginado no ano passado, em plena crise, tremenda crise, que nos havia alcançado de uma maneira talvez até injusta, posto que os fundamentos da economia, como depois se verificou pela retomada mais ou menos rápida das condições de progresso, não estavam tão bamboleantes quanto algumas instituições, geralmente de fora, queriam e faziam crer.

Naquela altura, foi conversando com o Ministro Mendonça de Barros que surgiu em mim a idéia de dar um impulso novo ao antigo Ministério da Indústria e Comércio. Esse sonho, por razões outras, conhecidas de todos e também com as injustiças e as maldades que a história às vezes prega naqueles que mais se empenham por fazê-la avançar, não pôde se concretizar através da ação do Ministro Mendonça de Barros. Tive que buscar o Embaixador Celso Lafer para que, naquele momento angustiante, pudesse dar, como deu, o seu aval e o seu entusiasmo à reorganização do relacionamento do conjunto do Governo, sobretudo com as camadas produtoras do Brasil.

Mais tarde, foi, como já disse, o Ministro Clóvis Carvalho quem teve essa mesma tarefa. Hoje, está em suas mãos, Doutor Alcides Tápias, a realização desse ideal. Ideal que não é só meu, ideal que não é só do conjunto da equipe do Governo, mas é de todo o Brasil. E Vossa Excelência, ao fazer sua apresentação aqui, disse, com muita firmeza e clareza, quais são os objetivos: vamos retomar o crescimento do Brasil em

bases sólidas e sustentáveis. Vamos crescer, no ano que vem, pelo menos 4%. E o Programa Avança Brasil é o roteiro para esse crescimento.

Este é o caminho do Brasil. Este é o caminho de um país que não pode se satisfazer com, simplesmente, evitar o vendaval. É um país que necessita as velas enfunadas, que necessita o vento da população favorável para que ele possa avançar no roteiro da prosperidade. E que essa prosperidade, como também bem disse Vossa Excelência, seja uma prosperidade que se distribua de forma mais equânime para o seu povo.

Eu queria acrescentar à descrição que Vossa Excelência fez de suas tarefas, que são todas as nossas tarefas, a retomada do crescimento; o desafio da concretização do Plano Plurianual, do Avança Brasil; a retomada das exportações; a manutenção dos nossos objetivos de exportarmos 100 bilhões de dólares; a retomada da importância imensa das privatizações; o apoio à pequena e à microempresa; a estruturação, a reestruturação da nossa economia baseada em um pilar, que é o BNDES; a articulação do BNDES com o Banco do Brasil; um Banco Central atento às necessidades, como este está, de baixar as taxas de juros – a tudo isso eu queria acrescentar poucas coisas. Uma que tinha pensado em lhes dizer nesta tarde. Duas palavras muito simples, que acho serem necessárias para o Brasil: uma é a urgência, a outra é a convergência.

O Doutor Tápias acrescentou aqui, ao descrever o modo como ele foi treinado, uma outra palavra que tem um significado muito grande. Ele disse: “Não fui treinado para ser complicado, mas para resolver as coisas de uma maneira mais simples.” As coisas podem ser muito complexas. Mas os que são realmente criadores, os que têm realmente a capacidade, o condão de fazer com que as coisas mudem, transformem as coisas complicadas em algo simples, em objetivos palpáveis, em objetivos que entusiasmem. É o que nós precisamos. Precisamos sentir a angústia da urgência.

Ontem, em uma palavra direta, franca, de muito entusiasmo, pedi apenas uma coisa, que o Brasil inteiro pede – e o Presidente da República tem que expressar o pensamento do Brasil –: urgência. Urgência para todos. Para mim também. Urgência para o Governo, urgência para o Congresso, urgência para a sociedade, para enfrentarmos as nossas

questões. Enfrentarmos buscando a convergência, somando-nos uns aos outros, não deixando que prosperem às vezes más informações; às vezes interpretações precipitadas; às vezes desconfiança, senão que pedindo com clareza que se busque o entendimento, a convergência e que se o faça de maneira direta e simples.

Se fizermos isso – e nós faremos –, teremos a capacidade atender às urgências do Brasil, que são do Brasil. Teremos a capacidade de buscar convergência. Teremos a humildade, quando necessário, de dizer: “Errei” – por que não? – “Avancei demais. Disse uma palavra mal posta.” Por que não? Teremos essa humildade e essa simplicidade. E com esse espírito vamos avançar. Nós vamos, sim.

Ouvi os aplausos, aqui, quando se fez referência a uma diretriz, que é a diretriz da reforma tributária. É um anseio nacional. Ela requer urgência. Ela requer convergência. E ela tem que ser simples, para ser sentida como um avanço.

Vejo o Senador Antônio Carlos Magalhães assentindo. Vejo o Deputado Michel Temer, que é paladino dessa reforma, entusiasmado. Por que não estaríamos nós também, com os cuidados necessários para que as coisas se façam com equilíbrio, para que os estados não percam, para que a União não fique sem recursos, para que os municípios sejam atendidos? Mas, com esses pré-requisitos, vamos avançar, de modo a simplificar, de modo a que possamos atingir os objetivos.

Não é a única reforma. Reforma já quase cansa, mas é indispensável. Maquiavel alertou: é perigosíssimo não ter a consciência, quem é reformador, de que a reforma prejudica logo os interesses que estão constituídos. A mera idéia de reforma provoca urticária nos que nada querem mudar, porque eles estão bem. E aqueles que vão ser beneficiados por ela ainda não sentem o benefício. O reformador, em certos momentos, é um ser isolado. E, por isso, ele tem que ter coragem, tem que ter firmeza, perseverança, convicção. Com o tempo, se for bem-sucedida a reforma, depois virão os reconhecimentos, aparecerão aqueles que, beneficiários delas, entenderão o porquê delas. E os que choraram no caminho a mágoa de perder seus privilégios, a história cuidará deles e

dará a eles, naturalmente, o tratamento merecido, de respeito, mas de coisa do passado.

Continuaremos na senda das reformas, num diálogo permanente com a sociedade e com o Congresso, com as impaciências ocasionais, com a paciência permanente, com a vontade de contribuir para que este Brasil avance mais.

Não é só a reforma tributária. Para a mais difícil de todas, o Congresso já deu os delineamentos, que foi a reforma previdenciária. Falta pouco. Falta pouco. Eu olho o Ministro Waldeck e vejo nele também a angústia, talvez maior que a minha – não sei se é porque eu disse que falta pouco. Mas nós vamos realizá-la. Nós vamos realizá-la porque ela é necessária para o Brasil.

Quem olha as contas públicas vê com clareza. O Estado brasileiro só tem um grande problema fiscal: é o desequilíbrio previdenciário. Se é esse o problema, vamos com a mesma vontade de rapidez, de convergência e de simplicidade avançar por ele e resolvê-lo, enfrentá-lo. Porque o Brasil precisa disso, e nós vamos fazê-lo.

Haverá outras reformas, por certo. Algumas já foram feitas. A administrativa avançou, foi feita. Quantas nós já fizemos? Muitas. São anos de modificação, são anos de transformação. E, por isso mesmo, talvez certos setores da sociedade, ou por não perceberem a rapidez delas ou por quererem-nas mais depressa, se sintam mais angustiados.

Mas nós, que estamos aqui, os Parlamentares que trabalharam, os Líderes, os Presidentes das Casas, os Ministros, o Presidente da República, os Governadores, sabemos que as coisas, por mais lentas que sejam, estão no caminho de avançar. Avançaremos noutras também.

O Ministro Dornelles tem um conjunto de propostas no Congresso. Propostas que estão ao estilo dele – não sei se mineiro ou gaúcho –, estão deslizando, de uma maneira que parece imperceptível, mas que estão avançando, no bom sentido de uma modernização, na mesma direção de flexibilizar, de tornar mais simples a questão toda da nossa legislação trabalhista.

Não falarei da reforma judiciária. A seara é muito complicada para um pobre sociólogo. Deixo ao cuidado dos médicos a definição da

reforma do Judiciário. Mas ela precisa ser feita. A angústia assalta as nossas mentes e os nossos corações quando vemos a não decisão de liminares que custam caro aos cofres do País, que permitem que a sonegação se perpetue, e não se tomam decisões. Não preciso dizer mais nada para que todos sintam a urgência e a necessidade de uma convergência nesta reforma também. Vamos fazê-la.

O Doutor Tápias foi escolhido para ser Ministro desta Pasta porque ele tem as características que ele mencionou aqui, ele próprio. Nós somos vizinhos, de São Paulo, entre Ibiúna e Mairinque – a distância é quase de um salto de um rio, salto pequeno, de um riacho, senão eu não saltaria, ele menos ainda. Além de termos, portanto, essa afinidade por um pedacinho de São Paulo, que nos é muito caro, ele é um homem que conheci quando ele era presidente da Febraban. Terrível coisa: presidente da Febraban – banqueiro, meu Deus!

É um homem que entrou no Bradesco e lá fez sua carreira pelo seu trabalho, pelo seu valor, pela sua competência. Um dos melhores executivos do nosso país. Quando ele estava na presidência da Febraban e eu como Ministro da Fazenda, nós discutíamos as formulações iniciais para o Real. Discutíamos aquela questão delicadíssima do acesso ao sigilo fiscal. Foi ele quem teve a compreensão de separar o interesse, que não era dele, que podia ser colocado como privado, e o interesse público, que era o de garantir a possibilidade de uma relação correta entre a Receita e o sistema de bancos.

Por isso, desde então, eu o respeito. Não por outras razões, mas pelo seu desempenho próprio. Às vezes, sinto, em certos setores do Brasil, uma certa preocupação negativa com o sucesso. Alcides Tápias é um homem de sucesso. Sucesso que ele construiu com o trabalho dele, com a dedicação dele e com a seriedade dele. Por isso, eu o respeito. Por isso, eu o chamei aqui, neste momento, para que ele venha nos ajudar a levar adiante essas grandes transformações do Brasil.

Quero dizer também – e serão meus últimos comentários – que, ao se integrar neste governo, ele o fez de coração aberto, se dizendo partícipe de um governo que hoje tem uma mesma preocupação, que assume o Ministério que vai cuidar não isoladamente do desenvolvimento, como não cui-

dará o Ministro Malan isoladamente da estabilidade. Porque essas duas palavras são pilares do conjunto do Governo. Quero dizer que, ao integrar-se a este Ministério, ele traz uma contribuição importante, que é a contribuição de um homem que vem da experiência do setor privado.

Quero chamar a atenção dos Senhores e das Senhoras para lhes dizer que busquei recrutar, ao lado dos muitos que recrutei na Academia, dos muitos que recrutei na vida política, e que, por isso mesmo, têm seus méritos próprios pelas suas carreiras, dos muitos que recrutei na própria burocracia do Estado, trouxe também – e agora estão aqui presentes – homens que são expoentes do seu setor. Alguns vão aumentar a exportação dos nossos produtos agrícolas, outros vão ajudar a integração nacional no contexto de uma nova economia, e outros vão cuidar diretamente das tarefas do desenvolvimento.

Não me venham dizer, portanto, que o Governo não quer canais com os setores produtivos do Brasil. Não venham dizer que o Governo não é sensível ao clamor que existe no País por um desenvolvimento econômico. Sabemos todos que somos sensíveis, da mesma maneira que somos sensíveis àquilo que, para mim, é o mais importante de tudo: manter a possibilidade de este país não explorar os seus pobres através da inflação e continuar dando condição para que cada vez haja menos pobres no Brasil, mais gente com trabalho e mais gente com esperança de uma vida social melhor.

O Doutor Alcides Tápias inovou, ao parafrasear o que eu disse em uma reunião de ministério. Eu tinha pedido aos meus ministros, aos meus líderes, aos líderes dos partidos que me apóiam que fossem eles todos guerreiros, numa guerra pelo Brasil. Não guerra contra. Guerra a favor do Brasil. Ele, aqui, usou uma palavra que eu não poderia dizer, porque iriam dizer que sou subversivo. Ele disse que era guerrilheiro. Eu pedi guerreiros. Recebi, além dos guerreiros, um guerrilheiro.

Um governo e um país que têm guerrilheiros e guerreiros não têm mais nada a fazer a não ser confiar mais e mais no futuro, como eu confio em Alcides Tápias.

Parabéns, Alcides!

